

CONVITE À CRÍTICA GENÉTICA¹

EDSON P. PFUTZENREUTER
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DE SÃO PAULO

esta coletânea de textos apresenta as mais importantes propostas para o tipo de estudo ao qual se dedicam a maioria das pessoas presentes neste Encontro. Comentar cada texto em particular seria uma tarefa desnecessária, pois a apresentação feita por Roberto Brandão, junto à introdução de autoria de Roberto Zular, desempenha muito bem esse papel.

Minha opção, então, será articular idéias provenientes desses textos, escritos em épocas e contextos diferentes, com o propósito de destacar alguns temas que são recorrentes, aparecendo de alguma forma, em todos os autores. Muitos temas têm esta característica, mas optei por abordar somente três tópicos:

1. Esta comunicação fez parte da mesa redonda "Criação em processo", que discutiu o livro Zular, R. (org.) *Criação em processo: Ensaio de crítica genética*. São Paulo, Iluminuras, 2002.

1. Definição e justificativa da crítica genética;
2. Relação entre texto e manuscrito;
3. Busca por uma teoria.

PESQUISA GENÉTICA

Em quase todos os textos encontramos definições e justificativas desta pesquisa. Grésillon (2002, 147) conceitua a crítica genética de uma maneira direta, dizendo:

“Seu objeto: os manuscritos literários, na medida em que trazem o traço de uma dinâmica, a do texto em progresso. Seu método: o desnudamento do corpo e do curso da escrita e a construção de uma série de hipóteses sobre as operações de escrita. Sua mira: a literatura como um fazer, como atividade, como movimento”.

Brandão (2002, 10) nos recorda que esta atividade crítica “surge no contexto de um deslocamento do eixo cultural que redirecionou os interesses e valores do homem de nosso tempo, marcado pela prevalência dos meios sobre os fins, do sensível sobre o inteligível, da diversidade sobre a unidade, das mensagens sobre o código.

Por outro lado, buscando definir pela negativa, Grésillon (2002, 165) comenta que:

“A crítica genética não fornece automaticamente parâmetros de literariedade, critérios de avaliação: até o presente ela não revelou obra-prima desconhecida, não contestou o que a instituição literária havia consagrado ou rejeitado; bem ao contrário, ela só se dedica - reprovação ouvida com frequência - aos valores seguros dos “grandes autores”. No entanto, sua

capacidade de intervenção existe: ela passa por uma reflexão sobre o conceito de escrita e a elaboração de uma estética da produção”.

Este tipo de estudo se justifica ao permitir a explicação no trabalho criativo a partir das marcas concretas deixadas pelo artista, mas como nos lembra Lebrave (2002, 139): “não basta manusear manuscritos para ser geneticista”. É necessário também um outro trabalho. Quem nos indica o caminho para esta tarefa é Louis Hay (2002, 35), ao dizer:

“Para seguir o caminho da crítica genética, é necessário passar primeiramente pelo manuscrito, em seguida pela escritura, antes de reencontrar o texto ao final de uma abordagem nova”.

Se tivéssemos todos os manuscritos, no entanto, teríamos somente indícios do processo quando criativo. Fato que é evidenciado por vários autores, entre os quais destaco Telê A. Lopes (2002, 49), quando afirma que: “Ao perseguir a gênese de textos e interpretar as pegadas da criação, o crítico deve saber que lida com a realidade visível de um trabalho em processo, com sinais retratando certos movimentos do desejo do artista; saber que não abarca a complexidade da vida mental de um indivíduo. No magma pulsante do processo, entenderá, então, que as marcas do scriptor lhe facultam imaginar uma lógica onde a leitura do artista, os passos de sua impregnação, se desvelam”.

TEXTO E PROTOTEXTO

A crítica genética estuda o texto em sua relação com os manuscritos. O conjunto destes, organizados para o estudo genético, pode ser chamado de prototexto.

Lebrave, em uma abordagem que toma a história como ponto de partida, nos mostra que o manuscrito tal como entendido pelos geneticistas, passa a existir a partir da consolidação da imprensa, em meados do século XXVIII. O manuscrito, que antes disto era cópia, passa a ser experimentação.

A própria noção de texto é também histórica. Louis Hay indica que esta palavra apareceu, por volta do século 13, com o sentido de texto original, em oposição aos comentários.

Com base neste dados, os trabalhos apresentados por Lebrave e Hay mostram que a crítica genética difere da filologia por não pretender restituir um sentido original e único. Ao contrário, ela quer evidenciar a pluralidade de textos possíveis. Biasi (2002, 221), a este respeito, afirma que:

“A abordagem genética caracteriza-se por uma valorização dos modos de elaboração do texto em detrimento, e mesmo estabelecendo um questionamento, da autoridade do texto. O prototexto deixa transparecer uma imagem móvel, muito mais hipotética e por vezes mais rica, daquilo que o texto publicado oferecerá à leitura como sendo sua verdade, após várias modificações”.

Este aspecto ganha um novo interesse ao manifestar a mobilidade existente na pesquisa científica. Em continuidade ao seu raciocínio, o mesmo Biasi (2002, 221) afirma que: “o estudo dos manuscritos prova que essa finalização das formas e do sentido permanece inseparável de uma certa estratégia de esquiva, de ataque ou de autodefesa: sob sua forma estagnada, o texto teórico deve poder, por seus próprios meios, resistir ao discurso de seus contraditores. Desprende-se, pelo menos para a escrita crítica e argumentativa, a necessidade de “cimentar” o texto definitivo: as lacunas, os pontos fracos, os fatos perturbadores, as hesitações, as dúvidas, as questões

não resolvidas que integravam o pensamento prototextual devem ser integradas, absorvidas num sistema, ou desaparecer retoricamente, dando lugar a um texto liso e sem falha deixando apenas um mínimo de possibilidades de apreensão ao adversário”.

A valorização do manuscrito, com o interesse de entender os processos de escritura, é um fato. Lebrave (2002, 118) evidencia, no entanto, que isto é acompanhado de um paradoxo. Esta evolução compreende, no entanto, um paradoxo, uma vez que “antes da consagração do texto, no fim do séc. XVIII, os documentos de gênese não existiam, pois não tendo um estatuto, não eram conservados. Durante a era do texto, eles existiram, mas fora do domínio de investigação científica. Na era do pós-texto, que parece abrir-se agora, eles se tornaram objetos de pesquisa, mas podemos temer que eles deixem de existir”.

BUSCA POR UMA TEORIA

Grésillon, citada anteriormente, fala em “construção de uma série de hipóteses sobre as operações de escrita”; para isto, no entanto, é necessária uma teoria da escritura ou, de forma mais ampla, uma teoria da criação.

Sugerindo abordagens do estudo do processo criativo, esta autora demonstra a importância da metáfora em um campo de pesquisa novo. Segundo ela, encontramos, na crítica genética, as metáforas orgânicas, as da construção e também aquelas que, como disse, “mais exatamente dá conta dessa simultaneidade do desejo que se espalha aos quatro ventos, e do cálculo que prevê, programa e sabe onde deixar o jogo, é a do *caminho* e seu campo semântico imediato: *circulação, percurso, via, marcha, trajetos, traçados, pistas, cruzamentos, caminhadas, deslocamentos*. À *via real*, à *marcha inexorável para o desenlace*, à *teleologia da linha reta* opõem-se metáforas

que indicam caminhos mais sinuosos: *bifurcações* – o que faz irresistivelmente pensar na pena que se bifurca – *ramificações, extravios, (abrir) caminhos, desvios, atalhos, retornos, becos sem saída, acidentes, partidas em falso, (seguir) caminho errado*” (Grésillon 2002, 153).

Curiosamente esta autora não faz referências ao labirinto, muito utilizado como metáfora do hipertexto e hipermídia que, por sua vez, também pode funcionar com um modelo do processo criativo.

Os textos que propõem com maior vigor uma teoria da criação são os de Philippe Willemart e Cecília A. Salles.

Salles (2002, 185) busca compreender o processo criativo através de conceitos da semiótica peirceana. Ela se interessa principalmente pelo modo de ação do signo, a semiose que, afirma a autora, “é descrita como um movimento falível com tendência, sustentado pela lógica da incerteza, englobando a intervenção do acaso e abrindo espaço para o mecanismo de raciocínio responsável pela introdução de idéias novas. Um processo onde a regressão e a progressão são infinitas”.

Embora parta de outra abordagem, a psicanálise lacaniana, Willemart propõe conceitos que também se relacionam com a tendência à incerteza. Neste caso, algo tende para um fim não em função da dinâmica do signo, mas da relação entre o desejo do “operador da escritura” e aquilo que, mesmo cometendo risco de errar, chamarei de real.

Nesse contexto Willemart (2002, 75) propõe dois conceitos: o de *primeiro texto* e o de *texto móvel*. Ele diz que: “Na sua vida de pulsões e de desejo, o escritor, para não dizer o artista em geral, particularmente sensível à tradição cultural e ao mundo em que vive, retém de forma singular informações e sensações do passado e do presente. Os elementos detidos nesse filtro particular formam um entrelaçamento ou um nó, que de certo modo bloqueia o desejo do artista e o incomoda. Desse bloqueio ou dessa barreira nascem o primeiro texto e o

autor. Não há portanto um primeiro texto escrito em alguma parte e transmitido por uma musa a um escritor atento, mas uma lenta aglutinação de elementos que, depois de um certo tempo, devem ser ditos e escritos”.

O primeiro texto, mesmo não tendo uma formulação racional consciente, impulsiona o escritor, mas este impulso, afirma o autor, não segue uma lógica.

É importante mostrar que, seja a partir de metáforas ou de outras teorias já estabelecidas, o que está presente nestes casos é a busca de um instrumento de pensamento que dê conta da complexidade do gesto criador.

Com estes tópicos, quis exemplificar o quanto os textos desta coletânea estão unidos na exposição de vários aspectos que envolvem a atividade do geneticista. Muitos outros assuntos e autores, que nem ao menos foram citados aqui, fazem parte desta publicação que nos convida a participar deste mundo do movimento criativo. Entre e seja bem vindo.

BIBLIOGRAFIA

- ANCONA LOPEZ, Telê. “A Biblioteca de Mário de Andrade: seara e celeiro da criação.” In *Criação em processo: ensaios de crítica genética*, Zular, Roberto. 45-72. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.
- BIASI, Pierre-Marc. “O Horizonte genético.” In *Criação em processo: ensaios de crítica genética*, Zular, Roberto. 219-244. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.
- BRANDÃO, Roberto. “Apresentação.” In *Criação em processo: ensaios de crítica genética*, Zular, Roberto. 9-12. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.
- GRÉSILLON, Almuth. “Devagar: obras.” In *Criação em processo: ensaios de crítica genética*, Zular, Roberto. 147-174. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.
- HAY, Louis. “O texto não existe”: reflexões sobre a crítica genética.” In *Criação em processo: ensaios de crítica genética*, Zular, Roberto. 29-44. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.

- LEBRAVE, Jean-Louis. "Crítica genética: uma nova disciplina ou um avatar moderno da filologia?" In *Criação em processo: ensaios de crítica genética*, Zular, Roberto. 97-146. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.
- SALLES, Cecília A. "Crítica genética e semiótica: uma interface possível." In *Criação em processo: ensaios de crítica genética*, Zular, Roberto. 177-202. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.
- WILLEMART, Phillipe. "Como se constitui a escritura literária?" In *Criação em processo: ensaios de crítica genética*, Zular, Roberto. 73-93. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.
- ZULAR, Roberto (org.). *Criação em Processo: Ensaios de Crítica Genética*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.